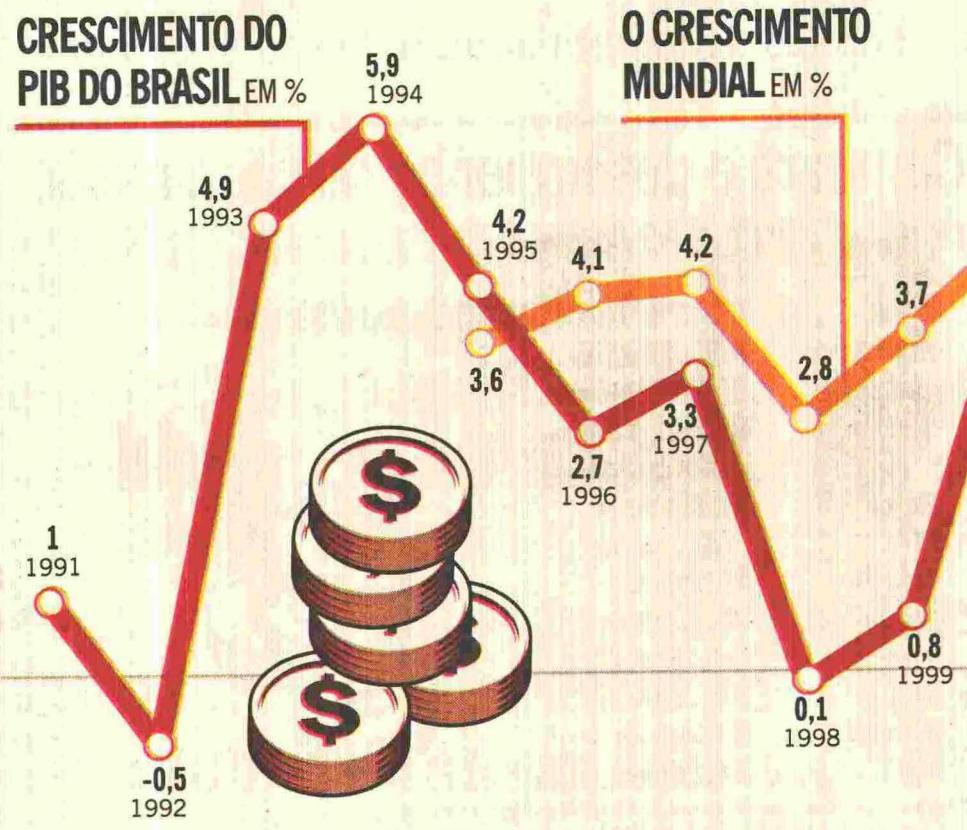


ECONOMIA

Economia Brasil

CRESCIMENTO DO PIB DO BRASIL EM %



O CRESCIMENTO MUNDIAL EM %

MARCHA LENTA

Desempenho dos presidentes

Crescimento médio anual



	BRASIL	MUNDO
Nos três primeiros anos do 1º mandato de FH	3,3%	4%
Nos três primeiros anos do 2º mandato de FH	2,1%	3,6%
Nos três primeiros anos do governo Lula	2,6%	3,3%
1º mandato de FH	2,6%	3,7%
2º mandato de FH	2,1%	3,4%
Média dos dois mandatos de FH	2,1%	3,6%

DESEMPENHO NOS ÚLTIMOS ANOS

10 anos (1996 a 2005) 2,2% ao ano
5 anos (2001 a 2005) 2,2% ao ano

O Haiti é quase aqui

Economia brasileira cresceu só 2,3% em 2005, menos da metade da expansão de 2004

Luciana Rodrigues, Cássia Almeida e Flávia Oliveira

Os juros altos, o dólar baixo e o fraco desempenho da agropecuária derrubaram a economia brasileira em 2005, quando o Produto Interno Bruto (PIB), conjunto das riquezas produzidas pelo país ao longo do ano, cresceu apenas 2,3%, informou ontem o IBGE. A taxa é menos da metade da expansão prometida pelo presidente Lula e também do crescimento registrado em 2004, que foi de 4,9%. E que coloca o Brasil na lanterna entre nossos vizinhos da América Latina, com um avanço que só não foi inferior ao do Haiti, que teve expansão de 1,5% no ano passado.

É um padrão que se repete há dez anos. Entre 1996 e 2005, a taxa média de crescimento do PIB brasileiro foi de 2,2% ao ano. Com a fraca expansão do PIB no ano passado, a renda per capita brasileira cresceu só 0,8%, contra uma expansão de 3,4% registrada em 2004.

Além da agropecuária — que cresceu apenas 0,8% em 2005, contra 5,3% no ano anterior — também a indústria perdeu o fôlego. O setor, que havia crescido 6,2% em 2004, teve expansão de apenas 2,5% no ano passado, afetado pelos juros mais altos e pela queda do dólar. A indústria extrativa teve alta recorde, de 10,9% (a maior da série histórica do IBGE, iniciada em 1991), graças à produção de petróleo e de minério de ferro. Mas a indústria de transformação cresceu só 1,3%, contra uma alta de 7,7% em 2004.

A indústria sofreu a concorrência de importados em segmentos como metalurgia, siderurgia e têxtil. É claro que a taxa de juros também afetou — disse Rebeca Palis, gerente de Contas Nacionais Trimestrais do IBGE.

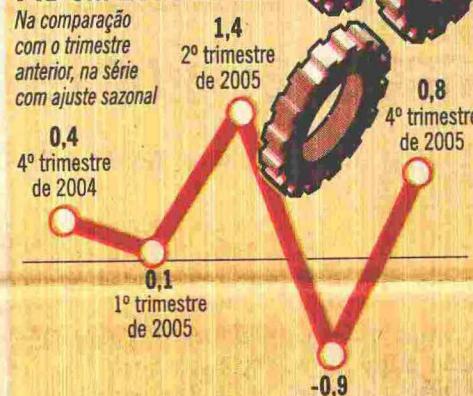
Gasto das famílias empurra economia

• Sérgio Vale, economista da MB Associados, destaca que, devido ao dólar baixo, o comércio exterior teve impacto menor no PIB em 2005 do que em 2004. A demanda externa (exportações, descontadas as importações) contribuiu com 0,9 ponto percentual no crescimento de 2,3% do PIB no ano passado. O economista Antonio Licha, da UFRJ, diz que, além da concorrência dos importados, o dólar baixo prejudica as exportações de produtos manufaturados da indústria. Hoje, 25% da produção desses bens vão para o mercado externo.

Os juros altos, por sua vez, além de afetar a indústria, deram um forte golpe na chamada formação bruta de capital fixo, que são os investimentos em máquinas, equipamentos e na construção civil, que servem para ampliar a capacidade de produção da economia. Na média, a taxa básica de juros ficou de 19,1% em 2005, contra 16,3% em 2004.

— Os juros altos afetaram as

A evolução do PIB em 2005 em %



Renda 'per capita'



FONTE: IBGE e mercado

O DESEMPENHO DE CADA SETOR (em %)

	DEMANDA	Em 2004	Em 2005
Consumo das famílias	4,1	3,1	
Consumo do governo	0,1	1,6	
Investimentos	10,9	1,6	
Exportações	18	11,6	
Importações	14,3	9,5	
	PRODUÇÃO	Em 2004	Em 2005
AGROPECUÁRIA	5,3	0,8	
INDÚSTRIA	6,2	2,5	
Extração mineral	-0,7	10,9	
Serviços de utilidade pública	4,6	3,6	
Indústria de transformação	7,7	1,3	
Construção civil	5,7	1,3	
SERVÍCIOS	3,3	2	
Comércio	7,9	3,3	
Transporte	4,9	3,2	
Aluguel	1,8	2,5	
Instituições financeiras	4,2	2,4	
Administração pública	0,9	1,7	
Comunicações	-1,4	0,1	
Outros serviços	5,6	1,3	
PIB	4,9	2,3	

QUE CÁLCULO É ESSE?

O Produto Interno Bruto (PIB) é o conjunto das riquezas criadas pela produção de bens e serviços num país durante um ano, contando inclusive a arrecadação de impostos sobre a produção. A coleta é feita em três grandes setores: agropecuária, indústria e serviços. Os dados também podem ser apresentados sob a ótica da demanda, que mostra como foi o consumo de cada grupo: família, governo, investimentos e construção civil (formação bruta de capital fixo), exportações e importações.



FÁTIMA PEREZ, com seu filho Vitor, gastou mais: "Foi um ano bom"

contradições dos juros altos combinados à oferta abundante de crédito e mais gastos públicos. O consumo do governo, que em 2004 subiu 0,1%, ano passado avançou 1,6%, mesmo patamar dos investimentos.

— Apesar do cumprimento da meta de superávit primário, houve um aumento de arrecadação que permitiu ao governo elevar suas despesas. Isso representa aumento de carga tributária. Por outro lado, a política monetária freou o investimento, que é o que o país mais precisa para crescer — disse o economista Guilherme Maia, da Tendências Consultoria.

Em Lula e FH, taxa inferior a PIB global

• As baixas taxas de crescimento econômico, como a de 2005, foram marca tanto dos dois governos Fernando Henrique como dos três anos do mandato de Lula. Na média, a economia brasileira cresce 2,1% ao ano nos oito anos de Fernando Henrique, contra expansão de 3,6% do PIB mundial no período. Na gestão Lula, a expansão média anual foi de 2,6%, enquanto a economia global cresceu 3,3%.

O último trimestre de 2005, porém, indica um crescimento mais forte em 2006. O PIB teve alta de só 0,8% frente ao terceiro trimestre, com ajuste sazonal, mas com bom desempenho dos investimentos (1,7%) e da indústria (1,4%). Na comparação com o quarto trimestre de 2004, a alta do PIB foi de 1,4%.

• BRASIL CAI PARA 13º LUGAR NO RANKING MUNDIAL, na página 20

expectativas dos investidores quanto à demanda dos consumidores no futuro — explicou Licha.

A formação bruta de capital fixo teve alta de só 1,6% em 2005, taxa que é menos de um quinto da expansão de 10,9% registrada em 2004. Enquanto a produção de máquinas e equipamentos cresceu 2,3%, a construção civil registrou expansão de 1,2%. Para Claudio Considera, economista do Ibme, o recuo dos investimentos é consequência de um abalo na confiança dos empresários desencadeado pela crise política.

Enquanto os investimentos perdem o vigor, o consumo das famílias

registrou uma expansão acima da média da economia. Graças a um aumento de 36,7% no volume de crédito às pessoas físicas (em termos nominais) e a um crescimento de 5,3% na massa salarial (soma dos rendimentos de todos os trabalhadores), as famílias gastaram 3,1% mais em 2005, expansão ligeiramente inferior a de 2004, quando a alta fora de 4,1%.

A família da publicitária Fátima Perez foi uma das que contribuíram para o bom desempenho desse componente do PIB em 2005. Ela comprou uma máquina de lavar de R\$ 1.570, celular e ainda sobrou para este ano. A festa de dois anos do filho Vitor será

inesquecível. Em 2005, Fátima não teve reajuste real de salário, mas conseguiu repor a inflação e guardou o décimo terceiro salário para outros gastos.

— Foi um ano bom, com mais estabilidade. Nem pensamos em poupar o dinheiro, optamos por gastar — conta Fátima.

Da mesma forma pensou a administradora Adriana Carvalho. Resolveu reformar a casa e trocar ar-condicionado. Agora, planeja comprar uma televisão de tela plana e um DVD. Tudo a crédito.

Os números do consumo no PIB — investimentos, gastos das famílias e despesas do governo — expõem as